

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
- COMUNIDADE
8 e 26 de Agosto de 2024

CONTINUAR A VIVER – OS ÍNDIOS DA MEIA-PRAIA / 1976

Um filme de António da Cunha Telles

Realização e Argumento: António da Cunha Telles / Direcção de Fotografia: Acácio de Almeida / Música: José Afonso / Som: João Diogo / Montagem: Gizela da Conceição e António da Cunha Telles / Participação: Arqº José Veloso, José Romão, Fernando Romão, José Agostinho, Francisco Agostinho, Manuel António, José Espada, Francisco Albino, David Oliveira, Zélia Correia, e pescadores da Meia-Praia.

Produção: Animatógrafo / Cópia em 35mm, colorida, falada em português / Duração: 94 minutos / Ante-Estrea: Cinema Império (Lagos), a 25 de Abril de 1977.

A sessão de dia 8 tem lugar na Esplanada

Um filme como **Continuar a Viver – Os Índios da Meia-Praia** terá sempre garantida a sua importância. Realizado durante um período muito específico da história portuguesa recente, e por extensão durante um período muito específico da história do cinema português, o filme de António da Cunha Telles é daqueles que atiram para segundo plano a necessidade de análises estéticas ou formais individualizadas, e que relativizam mesmo a importância de uma discussão ao nível temático. O que parece ser importante num filme assim (como em vários outros do período imediatamente a seguir ao 25 de Abril de 1974) é o modo como **Continuar a Viver** nos aparece hoje não tanto como um documentário mas, sobretudo, como um documento. Ou seja, menos um filme sobre a sua época (e sobre situações específicas dessa época) do que um filme que é, ele próprio, um produto dessa época, um vestígio, uma marca de um tempo que já não é o nosso mas que é fundamental para compreender o nosso tempo. Um sinal claro dessa singular fusão entre o filme e o tempo em que foi feito surge mesmo no fim, nas legendas finais em que é explicado o que aconteceu depois ao SAAL e à comunidade piscatória da Meia-Praia – o sinal é aquela pequena frase que nos vem avisar que a revolução não pára, que a revolução segue o seu caminho. Visto de hoje, não há melhor indício para confirmar a que ponto **Continuar a Viver**, menos do que um filme sobre a “revolução”, se pretendia (e se assume, aos olhos contemporâneos) como uma peça, uma parte integrante dessa mesma “revolução”.

Um filme datado, portanto? Claro que sim, datadíssimo, mas datadíssimo no mesmo sentido em que qualquer documento histórico o é, como algo umbilicalmente ligado a um determinado tempo. **Continuar a Viver** é um filme que contém o seu próprio teste de carbono 14: não engana ninguém, oferece-se em toda a sua vulnerabilidade, em todo o seu idealismo. É uma palavra-chave do filme de Cunha Telles, a palavra “idealismo”. Nem podia deixar de ser, num filme plenamente integrado no idealismo “revolucionário” da época. Mas é também por isso que **Continuar a Viver**, num visionamento contemporâneo, impressiona pela sua profunda ligação afectiva aos lugares e às pessoas. O “povo”, aqui, não é uma massa anónima e cinzenta, não é sequer um conceito político mais ou menos abstracto, mas faz-se de indivíduos, de rostos e de vozes – coisa que nem por isso era muito comum no discurso (e nas suas manifestações em imagens) “revolucionário” da época imediatamente a seguir ao 25 de Abril. Assim como não se trata de um filme “doutrinário”: dir-se-ia que, mais do que falar, interessa-lhe ouvir. Quando

muito, no que é um aspecto curioso, assume a forma de um bizarro diálogo socrático, procurando que os pescadores cheguem, por si próprios, às conclusões tidas como as mais indicadas – o modo como os pescadores chegam à ideia de formação de uma cooperativa (ou de uma “comprativa”...), a partir de algo que, como um deles diz, tinha sido mencionado pelo “Sr. António” (presumindo-se que este “Sr. António” fosse Cunha Telles), parece ser um sinal do tipo de relação que se estabeleceu entre o filme e o seu objecto, ou sobre a relação que se estabeleceu entre aqueles que estavam por detrás da câmara e os que estavam à frente dela.

Poder-se-á dizer, até por isso, que **Continuar a Viver** tem qualquer coisa de “paternalista”. Poder, pode, mas no fundo é bem capaz de nunca ter havido nenhuma revolução que não contivesse alguns elementos de paternalismo. Aqui, esse “paternalismo” talvez seja mesmo a expressão de um idealismo: ajudar os outros a viver melhor – e vem bem a propósito citar o provérbio chinês sobre se é melhor oferecer a um pobre um peixe ou uma cana de pesca. **Continuar a Viver** é um filme que pretende oferecer uma cana de pesca, e essa ideia assim consubstanciada, que é afinal a ideia de que um filme pode intervir na realidade sem se limitar a ser um simples espectador dela, acaba por ser a derradeira expressão da sua convicção de que o cinema pode ser uma coisa pelo menos tão importante como a vida.

Luís Miguel Oliveira